



unifaema

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA

SIDINEI RODRIGUES DA SILVA

**O LUTO SOB UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DAS DIFERENÇAS DE
GÊNERO**

ARIQUEMES – RO

2024

SIDINEI RODRIGUES DA SILVA

O LUTO SOB UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DAS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia

Orientador (a): Profa. Dra. Luciane de A. Melo

ARIQUEMES – RO

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

<p>S586l Silva, Sidinei Rodrigues da. O luto sob uma análise psicanalítica das diferenças de gênero. / Sidinei Rodrigues da Silva. Ariquemes, RO: Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, 2024. 37 f. Orientadora: Profa. Dra. Luciane de Andrade de Melo. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Psicologia – Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Ariquemes/RO, 2024. 1. Psicanálise. 2. Luto. 3. Gênero. 4. Masculino. 5. Feminino. I. Título. II. Melo, Luciane de Andrade de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>

Bibliotecária Responsável
Isabelle da Silva Souza
CRB 1148/11

SIDINEI RODRIGUES DA SILVA

O Luto sob uma Análise Psicanalítica das Diferenças de Gênero

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Psicologia do
Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA
como pré-requisito para obtenção do título
de bacharel em Psicologia

Orientador (a): Profa. Dra. Luciane de A. Melo

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
LUCIANE DE ANDRADE MELO
Data: 02/12/2024 17:58:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Luciane de Andrade Melo



Documento assinado digitalmente
YESICA NUNEZ PUMARIEGA
Data: 02/12/2024 17:37:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Yesica Nunez Pumariega

Assinado digitalmente por: KATIUSCIA CARVALHO
DE SANTANA
Razão: Sou responsável pelo documento
Localização: FAEMA - Ariquemes/RO
O tempo: 02-12-2024 16:29:32

Prof. Esp. Kátiuscia carvalho de Santana

ARIQUEMES – RO

2024

Dedico este trabalho a minha família, pelo amor incondicional e pela compreensão nos momentos de desafio. A todos que me acompanharam e me apoiaram durante esta jornada de aprendizado e crescimento. Aos meus professores e orientadores, pela orientação e pelo compartilhamento de conhecimentos que foram fundamentais para a realização deste estudo.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela saúde e dom da vida.

A Luziane Aparecida dos Santos, minha esposa, pelo apoio, paciência e compreensão nos momentos de ausência e ajuda nos momentos difíceis.

Ao Eduardo dos Santos Rodrigues, meu filho, pelo apoio, paciência e compreensão nos momentos de ausência.

A minha família, pela oportunidade e sacrifícios prestados para a conclusão desta etapa, em especial, a minha mãe, por sua existência em minha vida.

A Freud por criar uma psicologia tão bela quanto a psicanálise, que nos permite explorar as profundezas da psique humana e compreender os mistérios do inconsciente.

À minha orientadora Luciane A Melo, pela possibilidade de crescimento e enriquecimento teórico.

Às amigas, e em especial, Lilian e Valdineia, pelo companheirismo, conquistas e cumplicidades nesses anos de faculdade.

E, por fim, não menos importante, gostaria de agradecer a mim mesmo pelo esforço e dedicação ao longo desses anos na busca incessante por conhecimento.

“Existem momentos na vida da gente, em que as palavras perdem o sentido ou parecem inúteis, e, por mais que a gente pense numa forma de empregá-las elas parecem não servir. Então a gente não diz, apenas sente.” — Sigmund Freud

RESUMO

Esta pesquisa trata-se de uma revisão narrativa de literatura, com o objetivo de investigar as possíveis diferenças na expressão emocional do luto entre gêneros, através da abordagem psicanalítica. Para seu desenvolvimento, foi realizada a análise teórica de autores contemporâneos e dos principais autores da psicanálise, como Freud, Bowlby, Klein e Winnicott. Dentre os aspectos evidenciados, foi possível verificar as particularidades da expressão do luto frente aos gêneros masculino e feminino, bem como os aspectos sociais e suas influências na estrutura psíquica. Também pode ser verificada a complexidade entre a relação estabelecida entre o gênero e as vivências do luto, ressaltando a necessidade de intervenções psicológicas que contemplem as especificidades emocionais de homens e mulheres, sendo fundamental o papel do profissional de saúde mental, para a promoção de espaços voltados para a resiliência e equilíbrio psíquico. Através deste estudo, e dos indicadores salientados, espera-se que novas pesquisas sobre a temática sejam desenvolvidas, fomentando a integração entre a abordagem psicanalítica e a análise interseccional promovendo um conhecimento ainda mais profundo diante da complexidade que envolve o luto.

Palavras-chave: Psicanálise; Luto; Gênero; Masculino; Feminino

ABSTRACT

This research is a narrative literature review, with the aim of investigating possible differences in the emotional expression of grief between genders, through a psychoanalytic approach. For its development, theoretical analysis of contemporary authors and the main authors of psychoanalysis was carried out, such as Freud, Bowlby, Klein and Winnicott. Among the aspects highlighted, it was possible to verify the particularities of the expression of mourning in relation to the male and female genders, as well as the social aspects and their influences on the psychic structure. The complexity between the relationship established between gender and the experiences of mourning can also be verified, highlighting the need for psychological interventions that take into account the emotional specificities of men and women, with the role of the mental health professional being fundamental in promoting spaces aimed at resilience and psychic balance. Through this study, and the indicators highlighted, it is expected that new research on the subject will be developed, fostering the integration between the psychoanalytic approach and intersectional analysis, promoting an even deeper knowledge regarding the complexity that involves grief

Keywords: Psychoanalysis; Grief; Gender; Masculine; Feminine

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2. OBJETIVOS.....	13
1.2.1. Geral.....	13
1.2.2. Específicos	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1. O LUTO	13
2.2. O LUTO E A PSICANÁLISE	15
2.2.1. Freud e o Luto	17
2.2.2. Klein e o Luto.....	20
2.2.3. Lacan e o Luto	22
2.2.4. O Luto para Bion	23
2.3. GÊNERO.....	24
2.3.1. O Luto Feminino.....	27
2.3.2. O Luto Masculino	29
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. REFERÊNCIAS	34
6. ANEXOS.....	38

1. INTRODUÇÃO

O luto está frequentemente associado à morte de um ente querido, mas também se aplica a outras perdas significativas, como o fim de um relacionamento, a perda de um membro do corpo causado por acidente ou cirurgia, de um emprego ou de um animal de estimação. Essas experiências, embora diferentes, exigem um processo de adaptação e recuperação emocional. Apesar da variedade de contexto de luto, a sociedade tende a concentrar-se principalmente no luto relacionado à morte, muitas vezes subestimando a importância de outros tipos de luto. Reconhecer a magnitude da dor é essencial para uma compreensão mais completa das experiências emocionais humanas (Worden, 2009).

Na psicanálise, o luto é visto como um processo fundamental de recuperação psicológica após a perda de um ente querido ou de uma figura de apego. Em seu livro *Luto e Melancolia* (1917), Sigmund Freud descreveu o luto como um trabalho emocional necessário no qual o indivíduo deve desconectar a libido investida no objeto perdido. Esse processo envolve enfrentar e aceitar a perda, permitindo que a energia emocional seja redirecionada e restaure o equilíbrio psicológico.

A teoria do apego de John Bowlby complementou a compreensão psicanalítica ao introduzir a ideia de que o luto é uma resposta natural à separação de uma figura de apego. Bowlby (1980) sugeriu que o luto ocorre em etapas, começando com a negação da perda, seguida pela busca pelo objeto perdido, desespero e, finalmente, reestruturação emocional. A psicanálise, portanto, vê o luto não apenas como uma resposta à perda, mas também como um processo fundamental para a adaptação pessoal e o crescimento emocional contínuo.

Para além dos aspectos gerais do luto, a análise das diferenças de gênero proporciona uma perspectiva importante. Judith Butler (1990) define gênero como uma construção social que molda expectativas e comportamentos associados a indivíduos masculinos e femininos. Na psicanálise, esta estrutura social pode influenciar significativamente a forma como o luto é vivenciado e expresso. A investigação mostra que homens e mulheres podem expressar e processar o luto de diferentes formas, refletindo normas e papéis de gênero socialmente impostos. Compreender essas diferenças é fundamental para adotar uma abordagem mais inclusiva e eficaz para compreender e tratar o luto.

1.1. JUSTIFICATIVA

O estudo da manifestação das emoções durante o luto, com foco na análise psicanalítica das diferenças de gênero, reveste-se de significativa relevância social na atualidade. Em um contexto em que as questões relacionadas à saúde mental estão cada vez mais em evidência, compreender como homens e mulheres experienciam e expressam o luto de maneira distinta pode oferecer insights valiosos para o desenvolvimento de estratégias de suporte emocional mais eficazes e inclusivas.

A análise das diferenças de gênero na expressão do luto pode contribuir para a promoção de uma maior equidade no acesso a cuidados psicológicos e para a desconstrução de estereótipos que muitas vezes limitam a expressão emocional. Dessa forma, o estudo possui o potencial de influenciar práticas de apoio psicológico e políticas públicas voltadas para o enfrentamento do luto, tornando-se uma ferramenta importante para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em luto.

A análise psicanalítica das diferenças de gênero na manifestação das emoções durante o luto oferece uma valiosa contribuição acadêmica para a psicologia. Este trabalho visa aprofundar o conhecimento sobre como as teorias psicanalíticas, como a teoria dos complexos de Freud e a repressão emocional, se aplicam às experiências emocionais do luto em diferentes gêneros. A revisão bibliográfica proposta permitirá a integração e sistematização de estudos existentes, proporcionando uma visão abrangente sobre o tema. A contribuição reside na ampliação da compreensão dos mecanismos psicanalíticos envolvidos na expressão emocional do luto e na identificação das variações de gênero, o que pode orientar futuras pesquisas e práticas clínicas. Ao explorar essas dinâmicas emocionais de forma detalhada, o estudo enriquece o corpus teórico da psicologia, oferecendo bases para a formulação de intervenções mais adequadas e fundamentadas.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Geral

Investigar as possíveis diferenças na expressão emocional do luto entre gêneros, através da abordagem psicanalítica.

1.2.2. Específicos

- Compreender o processo do luto e os impactos emocionais associados;
- Analisar o luto através da abordagem psicanalítica e de seus principais teóricos;
- Conhecer os aspectos de gênero e suas relações com o enfrentamento ao luto;
- Verificar o impacto dos padrões e normas culturais no gênero masculino e feminino

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O LUTO

O termo "luto" deriva do latim "*luctu*" e refere-se a um conjunto de reações a uma perda substancial, geralmente pela morte de um ser querido. A afirmação de John Bowlby é que quanto maior o apego ao objeto perdido, seja uma pessoa, um animal, uma fase da vida ou um status social, é inversamente proporcional ao grau de sofrimento do luto. Além disso, o luto se manifesta de várias maneiras em diferentes culturas (Bowlby, 1980).

Ao longo da história, o luto tem sido uma parte importante da experiência humana como resposta à perda. O luto era frequentemente marcado por rituais e cerimônias nas culturas antigas para ajudar a comunidade a reconhecer e processar a perda. Esses rituais diferiam de sociedade para sociedade, mas todos tinham o objetivo de ajudar na transição emocional após a morte (Ariès, 1977).

O luto começou a ser visto de uma maneira mais religiosa na Idade Média, com ênfase na salvação da alma e nos rituais cristãos que ajudavam a guiar os mortos para o além. A era moderna trouxe mudanças significativas na forma como o luto era vivenciado, com a Revolução Industrial e a urbanização resultando em uma maior privatização da dor e uma diminuição dos rituais coletivos (Ariès, 1989).

No século XX, especialmente após as grandes guerras, o luto começou a ser estudado de uma perspectiva mais psicológica. O trabalho de Sigmund Freud foi um exemplo disso. Segundo Freud, em seu texto de 1917 "Luto e Melancolia", o luto é um processo natural e necessário para lidar com a perda, e é diferente da melancolia, que envolve uma incapacidade de desapegar-se do objeto perdido. A partir dessa perspectiva, o luto foi considerado não apenas um fenômeno social e religioso, mas também um processo intrapsíquico complexo (Freud, 1917).

Outros autores como John Bowlby melhoraram a compreensão do luto com o avanço da psicologia e das ciências humanas no século XX. De acordo com a teoria do apego, Bowlby explicou como os tipos de vínculos afetivos criados ao longo da vida impactam a forma como as pessoas experimentam a perda (Bowlby, 1980). Assim, o luto foi cada vez mais reconhecido como um processo profundamente pessoal, universal e que varia de acordo com as relações e experiências individuais.

A forma como o luto é tratado na era moderna tem se expandido para incluir elementos culturais e sociais. Autores como Philippe Ariès (1989) examinam como mudanças sociais como o individualismo e a secularização têm impactado a forma como as pessoas vivenciam o luto. O luto moderno é mais privado e silencioso, refletindo uma mudança cultural em que a morte é cada vez mais afastada do cotidiano das pessoas, em contraste com a visibilidade e coletividade das sociedades anteriores, diz Ariès (1989).

A pesquisa contemporânea também tem abordado o conceito de luto prolongado ou complicado, uma condição em que a dor causada pela perda se torna persistente e debilitante. Aproximadamente 10% dos enlutados sofrem de luto prolongado, que é caracterizado por sintomas intensos e duradouros que interferem significativamente na vida cotidiana, de acordo com Prigerson et al. (2021). Esse estado foi recentemente incluído como um diagnóstico reconhecido na Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Isso destaca a importância de intervenções clínicas específicas para essas situações.

A influência das mídias sociais na experiência de luto também é importante. O Facebook e o Instagram podem ter mudado a forma como as pessoas expressam e processam suas perdas, permitindo um luto mais público e prolongado (Brubaker; Bayes, 2022). Ao mesmo tempo, essas plataformas criam espaços adicionais de apoio social para que os enlutados possam compartilhar suas experiências e encontrar comunidades que entendem sua dor.

As variações culturais no luto também têm sido foco de pesquisa, destacando como as práticas e crenças culturais influenciam a forma como as pessoas vivenciam a perda. Segundo um estudo de O'Connor e Arizmendi (2023), existem algumas culturas que incentivam a expressão aberta do luto, mas outras culturas incentivam a contenção emocional, o que pode afetar a saúde mental dos enlutados. Portanto, a sensibilidade cultural é fundamental na prática terapêutica para fornecer suporte adequado a indivíduos de diferentes origens.

Por fim, a pandemia de COVID-19 gerou novos desafios para o luto, com muitas pessoas lidando com perdas sem a oportunidade de realizar cerimônias de despedida tradicionais. Estudos mostram que o isolamento social e a falta de rituais têm agravado o sofrimento dos enlutados, resultando em um aumento no luto prolongado (LEE; Niemeyer, 2023). A criação de novos métodos de apoio e rituais simbólicos que possam ser executados durante o distanciamento social foi evidenciada neste contexto.

2.2. O LUTO E A PSICANÁLISE

A noção de luto vai além da morte, incluindo também as perdas subsequentes, reais ou simbólicas, ocorridas durante o desenvolvimento humano. Essas perdas afetam o aspecto físico e psicológico do indivíduo, incluindo o âmbito pessoal, profissional e social. O crescimento, assim como a transição da infância para a adolescência, leva à dolorosa perda do corpo da criança e de seus significados (Cavalcanti; Samczuk; Bonfim, 2013).

Além disso, o envelhecimento resulta na perda de funções orgânicas, que representam outro tipo de luto simbólico. A capacidade de adaptação desde a infância, diante dessas novas realidades, é reativada ao longo da vida, moldando a gestão das experiências de perdas futuras (Cavalcanti; Samczuk; Bonfim, 2013).

O processo de luto consiste em contentar-se com a desordem causada pela insuficiência dos elementos necessários para simbolizar o vazio criado pela existência. É o sistema de significantes que entra em questão durante o luto. Ao final do trabalho, o ego pode novamente ser objeto de investimento, e a libido fica novamente livre para investir em novos objetos. Portanto, por mais difícil e doloroso que seja o processo, ele termina depois de um tempo e não deve ser considerado prejudicial ou patológico. Ao final do trabalho de transformação, o Self fica mais livre, menos alterado por atrações e inibições emocionais que limitam seu contato com o mundo exterior (Medeiros; Fortes, 2019).

Bowlby (1980), com sua teoria do apego, complementa essa visão ao sugerir que o luto é um processo de reorganização emocional, no qual o indivíduo deve enfrentar a dor da separação para restaurar gradativamente seu equilíbrio psicológico e se adaptar às novas realidades emocionais.

Freud (1917) melhorou a compreensão do processo ao descrever o luto como um trabalho psíquico necessário para desvincular a libido do objeto perdido, em contraste com a perspectiva de Bowlby de que o luto é uma resposta natural à perda de figuras de apego. Esse processo envolve várias etapas emocionais em que a pessoa, ao lidar com a dor da perda, libera a energia emocional que havia sido depositada anteriormente. Isso permite que o ego se recupere e que possa fazer novos investimentos emocionais. Assim, Bowlby e Freud enfatizam o luto como um processo essencial para a reconstrução e desenvolvimento emocional do indivíduo.

De acordo com Freud (1917), a existência do objeto perdido persiste mesmo após sua perda prolonga no cérebro, causando hipercatexia desse objeto. A libido que se ligava ao objeto é super investida a cada lembrança trazida, mas o fato de que o objeto amado não mais existe leva ao desligamento da libido. Após a conclusão do trabalho de luto, o Eu ficará livre novamente.

Complementando as teorias de Bowlby e Freud, Melanie Klein (1940) apresentou a ideia de que o luto não é apenas uma reação à perda de um objeto externo, mas também um processo interno de luto associado à perda do aspecto do ego. Klein sugere que, durante o luto, o indivíduo revive a ansiedade primitiva associada à perda e destruição de partes do self e de objetos internos idealizados. Este processo pode levar à integração destas experiências dolorosas, contribuindo para a maturidade emocional e a capacidade de criar novas conexões emocionais.

Assim, a dor, segundo Klein, é central para a estruturação do self e mantém a saúde mental ao longo da vida.

Winnicott (1954), outro teórico psicanalítico importante, enfatiza a importância da relação mãe-bebê e do ambiente no luto. Ele sugere que a capacidade de lidar com a perda está profundamente enraizada nas experiências iniciais de dependência do bebê e na confiança estabelecida entre ele e sua figura materna. O luto, diz Winnicott, envolve a capacidade de uma pessoa de permanecer autoconsciente mesmo quando algo importante está ausente ou perdido. A capacidade de "estar sozinho" em companhia de alguém confiável desde a infância é essencial para vivenciar a dor de forma saudável. Isso permite que a pessoa mantenha sua integridade psicológica e se adapte à nova vida.

2.2.1. Freud e o Luto

Sigmund Freud, em sua obra seminal *Luto e melancolia* (1917), discute o luto como um processo psicológico fundamental que ocorre em resposta à perda de um objeto amado. Segundo Freud, o luto envolve um "trabalho de luto" (Trauerarbeit), no qual o ego se desprende gradativamente da ligação emocional com o objeto perdido. Esse processo é doloroso porque obriga o indivíduo a enfrentar a realidade da perda, a retirar a energia psíquica (ou libido) do objeto e, possivelmente, a reinvestir essa energia em novos objetos ou interesses.

John Bowlby, na sua teoria do apego, postula que a resposta da perda é uma reação emocional à separação de uma figura de apego, sugerindo que o processo de luto envolve protesto, desespero e reorganização emocional. Esse conceito se aproxima da visão de Freud sobre o "trabalho do luto", no qual o ego deve reorganizar suas estruturas internas após uma perda. No entanto, enquanto Freud se concentra nos processos inconscientes que regulam o luto, Bowlby enfatiza o comportamento e a importância do apego desde a infância. Ambos concordam que a força do vínculo emocional influencia diretamente a intensidade e a duração do luto (Bowlby, 1984).

Assim, na perspectiva freudiana embora o luto geralmente seja superado com o tempo, sua duração e intensidade podem variar dependendo da natureza do apego ao objeto perdido e das características individuais de quem enluta, sendo observado que, em alguns casos, o luto pode se transformar em estado de melancolia se o indivíduo não conseguir se desligar emocionalmente do objeto perdido. Isso mostra a

complexidade da dor e a importância de lidar com ela para a saúde mental (Freud, 1917).

Ainda em se considerando, a temática o autor destaca que o trabalho do luto envolve a reavaliação e reintegração de memórias e expectativas associadas ao objeto perdido. Durante esse processo, o enlutado deve lidar com a ausência do objeto, revivendo as memórias associadas a ele, o que pode gerar diversos sentimentos intensos, como tristeza, raiva e até alívio. Lidar com essas emoções é um elemento essencial da dor, pois permite ao indivíduo processar a perda e abandonar gradativamente o apego emocional, liberando assim a energia psíquica para novos investimentos emocionais.

Diante disso, os estágios do luto propostos por Elisabeth Kübler-Ross (1969) – negação, raiva, barganha, depressão e aceitação – fornecem uma estrutura que complementa a abordagem freudiana. Enquanto Freud sugere que o luto pode variar em intensidade e direção dependendo do indivíduo e de sua relação com o objeto perdido, Kübler-Ross apresenta um processo mais linear, onde o indivíduo passa por fases específicas. Contudo, ambos os teóricos concordam que o luto deve ser experimentado conscientemente para que o ego se ajuste à realidade da perda. Para Freud, a resistência do ego em aceitar a perda pode prolongar o luto, visão que completa o estágio de negação de Kübler-Ross.

Donald Winnicott, com sua teoria do “espaço de transicional”, complementa a visão de Freud ao sugerir que a capacidade de lidar com a perda é essencial para um desenvolvimento emocional saudável. Winnicott concorda com Freud que o processo de luto é necessário para reorganizar o eu, mas enfatiza que essa capacidade de enfrentar a decepção e o sofrimento é um sinal de maturidade emocional. Para Winnicott, o indivíduo deve aprender a separar-se do objeto amado sem colapso emocional, o que ecoa a visão de Freud sobre a importância do luto para o crescimento psicológico.

Paralelamente a isso, Freud (1917) indica que, em alguns casos, o indivíduo pode evitar a dor da perda por meio de mecanismos de defesa, como a negação ou a repressão. Porém, essa resistência pode prolongar o processo de luto e até mesmo levar ao desenvolvimento de sintomas melancólicos, nos quais a dor não é completamente resolvida e a perda torna-se uma ferida psicológica não resolvida.

Nesse sentido Melanie Klein oferece uma perspectiva mais profunda sobre a identificação com o objeto perdido, abordando o que Freud chamou de melancolia.

Enquanto Freud vê a melancolia como uma identificação inconsciente do ego com o objeto perdido, levando à perda da autoestima, Klein explora como essa introjeção do objeto pode fazer parte de um ciclo emocional natural em uma posição depressiva.

Para Klein, a dor da perda pode manifestar-se como culpa e gratidão, e esta ambivalência é central para o desenvolvimento emocional. Freud já sugere que a melancolia requer intervenção psicanalítica, enquanto Klein vê esse processo como uma oportunidade de crescimento, se funcionar bem.

Freud também sugere que o luto bem sucedido depende da capacidade do ego de aceitar a realidade da perda e reorganizar as suas estruturas internas para acomodar esta nova realidade. Por meio do trabalho do luto, o indivíduo consegue integrar a perda à sua história pessoal, o que lhe permite retornar à vida com novos significados e possibilidades. Portanto o luto não é apenas um processo de dor e sofrimento, mas também um caminho de crescimento e renovação psíquica (Freud, 1917).

Freud (1917) também fala sobre o papel do luto na saúde mental, dizendo que ele ajuda a se adaptar à perda. O luto ajuda a evitar a estagnação emocional e a perpetuação do sofrimento, permitindo que o ego desinvesta lentamente a libido do objeto perdido. Embora seja difícil, esse processo de desvinculação emocional é essencial para que a pessoa continue se envolvendo em novas relações e experiências de vida. Segundo Freud (1917), sem uma resolução adequada do luto, uma pessoa pode ficar presa em um estado de sofrimento constante, o que prejudica sua capacidade de realizar as tarefas diárias.

No entanto, Freud reconhece que o luto pode assumir formas complexas e não lineares, especialmente quando a perda é particularmente traumática ou quando a conexão com o objeto perdido é muito forte. Nesses casos, o luto pode se transformar em um processo prolongado e difícil de superar, exigindo um trabalho psíquico mais intensivo para evitar que a perda cause depressão ou outros problemas emocionais.

De acordo com Freud (1917), em situações como essa, o acompanhamento psicanalítico pode ser essencial para ajudar o indivíduo a explorar as camadas mais profundas do inconsciente. Nesses casos, o conflito entre a necessidade de desvinculação e o apego ao objeto perdido pode ser particularmente intenso.

Por fim, Freud enfatiza a necessidade de apoio social durante o período de luto. Freud (1917) reconhece que a presença de outros pode desempenhar um papel importante na recuperação emocional, embora o trabalho de luto seja principalmente

um processo interno. Amigos, familiares e terapeutas podem ajudar o enlutado a não se sentir sozinho em sua dor, permitindo que o luto seja vivido de maneira mais saudável e menos isolada. A troca de experiências e a comunicação de emoções em um ambiente protegido ajudam o processo de luto a ser concluído de forma mais eficiente. Isso facilita a reintegração da pessoa à vida cotidiana e a restauração de seu equilíbrio emocional.

2.2.2. Klein e o Luto

Freud (1917) foi pioneiro ao discutir o luto como um processo de desvinculação emocional do objeto perdido. Para ele, o trabalho do luto envolve a eliminação dos desejos sexuais objetais, que, se não forem tratados adequadamente, podem levar ao luto. Klein (1940), por outro lado, introduziu o termo “posição depressiva”, afirmando que o luto não era apenas a perda do desejo sexual, mas também a manifestação de emoções ambivalentes sobre o que havia sido perdido. Enquanto Freud vê o luto principalmente como um processo de desinvestimento, Klein sugere que há um trabalho reparatório mais profundo em curso.

Melanie Klein também concebe o luto como uma perda objetal e uma reativação de experiências tidas no princípio do desenvolvimento psíquico humano. Isso é diferente das definições de Freud em (1915). Klein reconhece que, nesse processo, o que ela chamou de "posição depressiva" arcaica será reativado (Klein, 1940). Assim, Klein acrescenta que o luto não se refere apenas a uma perda real e simbólica.

Dessa forma, a teoria do apego, criada por John Bowlby em 1980, nos dá uma nova maneira de encarar o luto. Bowlby considerou o luto como uma resposta natural a separação de uma figura de apego, e sua ideia sobre como lidamos com a cena (protesto, desespero e reorganização) corresponde ao que Klein pensava. Klein reconheceu que o luto envolve um processo de reorganização emocional, mas sua ênfase na reparação e integração de objetos perdidos não era a mesma que Bowlby que estava mais comportamental.

Donald Winnicott (1965) também fez contribuições importantes para Klein, particularmente no que diz respeito ao conceito de “ambiente suficientemente bom”. Winnicott acreditava que a capacidade de lidar com o luto estava relacionada com a qualidade das primeiras experiências de cuidado, algo que Klein também reconheceu

em sua ênfase nas experiências de perda na primeira infância. Para Winnicott, um ambiente afetuoso e seguro ajuda os indivíduos a lidar com o luto e a perda, estabelecendo as bases para a saúde mental e, ao mesmo tempo, enquanto Klein explora como a aquisição dessas figuras de apego permite a autorreparação durante o luto.

Além de Freud, Bowlby e Winnicott, as ideias de Klein sobre o luto também se conectam às teorias de Jacques Lacan. Lacan (1953) reinterpretou o conceito de luto com sua teoria do “real”, do “simbólico” e do “imaginário”, argumentando que a perda do objeto amado no luto não ocorre apenas no nível da realidade externa; dimensão simbólica. Enquanto Klein enfatizou o processo de reparação e integração de objetos perdidos no estado depressivo, Lacan argumentou que o luto envolve um confronto com o vazio do “real”, um aspecto da experiência humana que não pode ser totalmente simbolizado. Para Lacan, portanto, o trabalho do luto pode ser entendido como uma tentativa de simbolizar o irrepresentável.

Outra teórica que dialoga indiretamente com Klein é Elisabeth Kübler-Ross (1969), conhecida por seu modelo dos cinco estágios do luto: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. Embora Kübler-Ross tenha desenvolvido um método para descrever a melancolia e o comportamento humano frente à perda, esse modelo pode ser comparado à psicanálise kleiniana, especialmente no que diz respeito ao sentimento de vergonha. Ao falar sobre a natureza do luto, Klein também reconheceu que o choro está profundamente ligado à experiência de perda e ao poder transformador do luto. Ela enfatizou sobre aspectos bons e ruins na elaboração do segredo, enquanto Kübler-Ross demonstrou uma aceitação gradual da escuridão da morte, reconhecendo a responsabilidade pessoal diante da realidade da finitude.

Desse modo, Julia Kristeva, teórica do pós-estruturalismo e da psicanálise, contribui com uma perspectiva única ao examinar a relação entre luto e melancolia. Em *Sol Negro: Depressão e Melancolia* (1987), Kristeva fala sobre como o luto pode se transformar em melancolia quando o indivíduo não consegue expressar sua perda. A abordagem é semelhante ao conceito de Klein sobre a dificuldade de reunir elementos de um objeto perdido, o que pode levar ao luto patológico. Kristeva acrescenta dimensões linguísticas e culturais à experiência do luto e afirma que não é apenas um processo mental, mas também algo inscrito na linguagem e na consciência.

2.2.3. Lacan e o Luto

As contribuições de Jacques Lacan se destacam por oferecer uma visão inovadora da experiência da perda, baseada firmemente em sua teoria psicanalítica do Real, do Simbólico e do Imaginário. Segundo Lacan (1953), o luto não se limita à perda de um objeto tangível, mas envolve um choque com a ausência e a falta, aspectos que não podem ser plenamente representados por símbolos. Diante da perda de um ente querido ou de um objeto desejado, o indivíduo se depara com o vazio interior da “Realidade”, que não pode ser representado por símbolos. A dor torna-se, portanto, uma experiência que expõe as limitações da linguagem e da representação simbólica, o que exige do indivíduo renegociações constantes de seus desejos e de suas relações.

Esta perspectiva lacaniana ecoa nas reflexões de outros teóricos, como Julia Kristeva (1987), que investiga o luto como um processo em que o indivíduo tenta representar a perda, mas se depara com a melancolia quando tal tentativa falha. Segundo Kristeva, a incapacidade de representar adequadamente a perda leva à internalização da falta, resultando numa condição melancólica. Os dois escritores destacam a relevância do simbolismo e o desafio de lidar com a perda de algo que vai além da capacidade de representação do indivíduo.

Além disso, as ideias de Lacan constituem uma complementação significativa à perspectiva de Sigmund Freud (1917). Em 'Luto e Melancolia', Freud afirma que o luto envolve o distanciamento do desejo sexual do objeto perdido, permitindo ao sujeito reinvestir nesse objeto. Lacan, por sua vez, expande essa ideia ao sugerir que a perda não pode ser completamente resolvida, pois sempre há algo do 'Real' que escapa à simbolização. Assim, enquanto Freud vê o luto como um processo que pode ser resolvido pela reintegração psíquica, Lacan complexifica essa noção, mostrando que o luto não é apenas uma questão de distanciamento da libido, mas também uma experiência de confronto com o irrepresentável.

Lacan (1953) defende que, durante o luto, o indivíduo não enfrenta apenas a perda de um objeto específico, mas também a estrutura da ausência que caracteriza o anseio humano. Para Lacan, o objeto perdido simboliza o que ele designou como *objet petit* a um componente que simboliza o anseio insaciável de ser totalmente satisfeito. Assim, o processo de luto não se limita a um desligamento emocional,

conforme proposto por Freud (1917), mas representa um confronto constante com a ausência essencial que permeia o anseio humano.

Nesse contexto, entende-se que o luto é uma vivência que força o indivíduo a aceitar a inviabilidade de recuperar completamente o objeto perdido, enquanto tenta ocultar as vulnerabilidades de seus anseios. Essa perspectiva é corroborada por outros teóricos contemporâneos, como Elisabeth Roudinesco (1999), que sustenta que, para Lacan, o luto implica uma alteração no sentido do indivíduo em relação ao fracasso. A narrativa de Roudinesco não se limita a tratar da morte, o luto lacaniano evidencia a adequação do desejo e da identidade do indivíduo, que precisa aprender a lidar com a incerteza trazida pela morte.

Dessa forma, o trabalho de Jean Allouch (1995) também está em consonância com a teoria de Lacan ao investigar a conexão entre o luto e a melancolia. Allouch propõe que, sob a perspectiva lacaniana, a melancolia pode ser interpretada como um fracasso na simbolização da perda, onde o indivíduo se identifica com o objeto perdido e não consegue realizar o trabalho de luto. Portanto, o luto segundo Lacan é marcado pela tentativa de incorporar a perda na estrutura simbólica, ao passo que a melancolia surge quando essa integração não é bem-sucedida, e o indivíduo se agarra ao vazio do Real.

2.2.4. O Luto para Bion

Wilfred Bion proporciona uma perspectiva singular sobre o luto ao incorporá-lo à sua teoria do pensamento e do processamento das emoções. Segundo Bion (1962), o luto não é simplesmente uma reação à perda de um objeto amado, mas um processo psicológico que envolve a habilidade de "pensar" a perda, isto é, de converter a dor emocional em algo que possa ser refletido e elaborado. Portanto, o luto representa uma chance para o crescimento emocional, onde a pessoa enfrenta seu sofrimento interno e busca representar essa dor. Isso está ligado à sua concepção de "função alfa", que converte impressões sensoriais brutas em pensamentos.

Bion dialoga diretamente com as ideias de Freud (1917) sobre luto e melancolia, na medida em que ambos reconhecem a necessidade do sujeito se desligar do objeto perdido. No entanto, enquanto Freud vê o luto como um processo de reinvestimento da libido em novos objetos, Bion concentra-se mais no papel do

pensamento na gestão da dor psicológica. Para Bion, a incapacidade de enfrentar a perda, ou seja, a incapacidade de simbolizar adequadamente a dor, pode levar à estagnação emocional e ao desenvolvimento de estados psicopatológicos, como a melancolia.

O trabalho de Melanie Klein (1940) também apresenta um ponto de convergência, destacando a importância do processamento psicológico da perda no desenvolvimento emocional. Klein sugere que o processo de luto desencadeia ansiedade persecutória e depressão, que são características dos estágios iniciais do desenvolvimento psicológico. Klein e Bion interpretam o luto como um processo que, se for bem-sucedido, pode potencializar a habilidade do indivíduo de lidar com futuras perdas. Para ambos, a habilidade de representar a perda e torná-la um objeto de reflexão é crucial para um crescimento emocional equilibrado.

Além da perspectiva de Bion, a obra de John Bowlby (1980) fornece uma visão adicional sobre o luto. Bowlby apresentou a teoria do apego, propondo que o luto surge como uma reação natural à perda de um objeto de apego significativo. Segundo Bowlby, o processo de luto é dividido em etapas, iniciando com a negação e terminando na aceitação.

Por outro lado, Bion enriquece essa perspectiva ao se concentrar na habilidade do indivíduo de simbolizar e processar a perda, algo essencial para a transição entre as etapas do luto descritas por Bowlby. Portanto, enquanto Bowlby destaca o caráter sequencial do luto, Bion ressalta a relevância do tratamento psicológico e emocional dessa vivência.

2.3. GÊNERO

No âmbito psicanálise, o estudo aborda as construções sociais e psicológicas que afetam a formação da identidade de gênero ao longo da existência de um indivíduo. Judith Butler (1990), uma importante teórica contemporânea, defendeu que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma característica performativa. Significa que o gênero é formado através de performances constantes e interações sociais que correspondem às expectativas culturais. Butler sustenta que essa construção é imposta pela sociedade e fortalecida por regras que definem o que é classificado como "masculino" ou "feminino". Esta visão expande a percepção do gênero como uma categoria dinâmica, ao invés de uma essência imutável.

Sigmund Freud, em sua obra de 1905, foi um dos primeiros a tentar explicar como se forma a ideia de gênero nas pessoas. Ele propôs que as diferenças entre 'masculino' e 'feminino' não são apenas biológicas, mas também construídas ao longo da vida, especialmente durante um período crucial chamado complexo de Édipo. Nesse processo, as crianças começam a internalizar os papéis que a sociedade espera delas, o que influencia profundamente como elas se veem e como se relacionam com os outros (Freud, 1905, p. 190).

No entanto, essa visão não é a única. Jacques Lacan, em 1966, trouxe uma nova perspectiva, sugerindo que o gênero está intimamente ligado ao momento em que a pessoa entra no 'campo simbólico'. Isso significa que, ao crescer, cada indivíduo se depara com normas e regras culturais que moldam nossos desejos e identidades. Assim, Tanto Freud quanto Lacan ajudam a entender que a construção de gênero é uma jornada complexa, repleta de influências sociais e psicológicas (Lacan, 1998, p. 61).

As ideias de pensadoras como Judith Butler desafiam as visões mais tradicionais sobre gênero, especialmente ao questionar a noção de que as identidades de gênero são determinadas apenas pela biologia ou por processos inconscientes. A crítica feminista, defendida por teóricas como Butler e Simone de Beauvoir, leva à reflexão sobre como o gênero é, na verdade, uma construção social ligada a estruturas de poder que precisam ser desconstruídas.

Beauvoir (1949), em sua famosa obra 'O Segundo Sexo', faz uma afirmação poderosa: 'a mulher não nasce, o homem se faz'. Com isso, ela destaca que o que entendemos como 'feminino' ou 'masculino' não é algo natural, mas sim algo que a sociedade molda e impõe ao longo da vida. Essa perspectiva convida à reflexão crítica sobre como as expectativas de gênero afetam as vidas diárias das pessoas e desafia a reavaliação do que significa ser homem ou mulher na cultura contemporânea.

A discussão sobre gênero dentro da psicanálise passou por transformações significativas com as ideias de Joan Riviere, que, em 1929, apresentou o conceito de 'feminilidade mascarada'. Segundo Riviere, muitas mulheres adotam comportamentos considerados 'femininos' e socialmente aceitos como uma forma de se proteger da ansiedade que surge quando elas expressam ambições ou desejos que desafiam as normas masculinas. Essa ideia nos leva a refletir sobre como as mulheres, muitas vezes, sentem a necessidade de se conformar a papéis tradicionais para se sentirem seguras em ambientes dominados por homens.

Além disso, essa avaliação ajuda a compreender os debates contemporâneos sobre a performatividade de gênero. Judith Butler, uma das vozes mais influentes nesse campo, argumenta que as identidades de gênero não são fixas, mas sim algo que se 'performam' através de ações e comportamentos repetidos ao longo do tempo. Assim, Tanto Riviere quanto Butler convidam a questionar as normas de gênero e a refletir sobre como elas moldam as vidas, mostrando que o gênero é mais uma construção social do que uma essência imutável.

Pensadores contemporâneos, como Elisabeth Badinter (1986) em "Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno", argumentam que as diferenças de gênero são moldadas por fatores históricos e culturais, não apenas biológicos. Badinter sugere que a maternidade, frequentemente vista como uma "essência" feminina, é uma construção cultural que varia ao longo do tempo e entre sociedades. Portanto, o que se considera 'natural' em relação ao papel das mulheres na maternidade é, muitas vezes, influenciado pelas expectativas e normas sociais do momento.

Essa perspectiva se alinha com as ideias de Simone de Beauvoir (1949), que também questionou as imposições sociais feitas às mulheres. Ambas as autoras convidam a refletir sobre como as expectativas de gênero são dinâmicas e não fixas, mostrando que a construção de gênero é um processo em constante evolução.

Por outro lado, Sigmund Freud, em seus estudos sobre o desenvolvimento psicosssexual, como a teoria do complexo de Édipo, aborda o gênero de maneira mais biologicamente determinada. Para Freud, a formação da identidade de gênero está intimamente ligada às fases de desenvolvimento psicosssexual e às resoluções dos complexos familiares (Freud, 1905).

Essa perspectiva, no entanto, foi alvo de críticas por parte de feministas, incluindo Beauvoir, que argumentou que Freud negligenciou as influências sociais e culturais que moldam a identidade de gênero e as formas de opressão enfrentadas pelas mulheres (Beauvoir, 1949). Essa crítica revela a necessidade de uma abordagem mais ampla e inclusiva na análise do gênero.

A crítica de Beauvoir à psicanálise freudiana evidencia que o modelo freudiano reforça uma visão patriarcal, relegando as mulheres a papéis secundários e dependentes. Essa visão é particularmente evidente na descrição do desenvolvimento feminino a partir da "inveja do pênis", que, segundo Beauvoir, ignora o papel ativo da sociedade na criação de desigualdades de gênero (Beauvoir, 1949).

Diante disso, a autora ressalta que essa teoria desconsidera as dimensões sociais e históricas que moldam a experiência das mulheres. Assim, Beauvoir nos convida a repensar as narrativas sobre gênero e a reconhecer a complexidade das influências sociais na formação da identidade feminina (Beauvoir, 1949).

A crítica de Lacan ao modelo freudiano amplia a discussão sobre a identidade de gênero, desafiando a noção de que essa identidade é fixa ou imutável. Segundo Lacan (1998), a subjetividade é moldada por fatores como a linguagem e as interações sociais. Esses fatores influenciam como o indivíduo se relaciona com sua própria identidade. Essa abordagem sugere que o gênero é uma construção dinâmica, sujeita a mudanças. As relações sociais e culturais evoluem, refletindo essa dinâmica. Assim, Lacan convida a considerar que a identidade de gênero é uma experiência multifacetada.

Não só isso, mas Lacan introduz o conceito de "falta", que se refere à ausência fundamental que permeia a experiência humana. Essa falta, segundo ele, é o que impulsiona a busca por identidade e reconhecimento no outro (Lacan, 1998). No contexto de gênero, essa busca pode levar a experiências e expressões que desafiam normas tradicionais. Ao reconhecer a complexidade da formação da identidade de gênero, Lacan ilumina essa discussão. Ele ajuda a entender que as construções sociais em torno do gênero são influenciadas por um desejo de pertencimento, o qual varia de acordo com o contexto social e histórico.

2.3.1. O Luto Feminino

O luto em mulheres é um tema que merece um estudo mais profundo, pois envolve uma complexa série de aspectos culturais, sociais e psicológicos que moldam as experiências de perda vivenciadas pelas mulheres. Historicamente, as mulheres têm sido notadas como mais emotivas e expressivas em relação aos seus sentimentos, o que impacta exatamente a maneira como o luto é manifestado e interpretado na sociedade. (Hollander, 2008).

Autores como Freud (1917) e Klein (1940), indicam que o luto é um processo emocional intenso, que envolve a ausência de alguém que foi amado intensamente. Para as mulheres, essa experiência pode ser ainda mais difícil devido às normas sociais que regulam seu comportamento emocional. Muitas vezes, espera-se que as mulheres expressem seus sentimentos de maneira mais aberta, mas, ao mesmo

tempo, elas podem se sentir pressionadas a se conformar a padrões que minimizam suas dores ou as forçam a esconder suas emoções. (BION, 1962).

Isso se deve ao fato de o luto ser uma experiência solitária e complexa. As mulheres, ao vivenciar a perda, podem se sentir divididas entre a expectativa de serem fortes e a necessidade de expressar sua tristeza. Essa luta interna é um reflexo das normas sociais que moldam não apenas como o luto é vivido, mas também como ele é percebido pelos outros. Portanto, compreender o luto feminino não é apenas uma questão de reconhecer a dor, mas também de entender como as pressões sociais e culturais influenciam essa jornada de sofrimento e cura (Winnicott, 1971).

O luto feminino na psicanálise contemporânea é um tema que tem sido amplamente discutido por autores que enfatizam as interações entre gênero, cultura e subjetividade. Judith Butler, uma teórica de grande destaque nesse debate, argumenta que a dor não é apenas uma experiência pessoal, mas também social (Butler, 2015).

Em sua obra *Corpos que importam* (2015), a autora argumenta que a experiência do luto está intimamente ligada às normas de gênero que regulam como as perdas são reconhecidas ou ignoradas. Para as mulheres, essa dor é frequentemente marginalizada, pois sua expressividade emocional pode ser vista como excessiva em contextos patriarcais. Assim, Butler destaca a importância de validar as experiências emocionais das mulheres, que muitas vezes são tratadas como inadequadas. (Butler, 2015).

Além de Butler, autoras como Carla Cristina Garcia (2022) refletem sobre como a construção social da feminilidade molda as experiências de dor das mulheres. Garcia afirma que o papel de cuidadora, tradicionalmente associado às mulheres, intensifica o impacto emocional da perda porque elas estão culturalmente condicionadas a priorizar o cuidado dos outros antes de si mesmas. Essa dinâmica pode dificultar o processo de “reelaboração psicológica” da perda, pois muitas vezes as mulheres se sentem sobrecarregadas com suas responsabilidades emocionais.

A autora destaca que essa expectativa social impede que a mulher expresse plenamente sua dor e vivencie a perda de forma saudável. A análise do luto feminino deve, portanto, ter em conta estas construções sociais que influenciam a forma como as mulheres gerem as suas emoções. Assim, o conhecimento da dor feminina torna-se essencial para promover um espaço de aceitação e validação das experiências emocionais das mulheres (Garcia, 2022).

Ao adotar uma perspectiva interseccional, Carla Cristina Rocha (2023) propõe que as vivências de luto entre as mulheres variam conforme as intersecções entre raça, classe e sexualidade. Mulheres pertencentes a grupos marginalizados enfrentam obstáculos adicionais no reconhecimento social de seu luto, resultando em uma carga emocional elevada e em um processo de luto mais complexo. Essa abordagem revela como desigualdades sociais e experiências de opressão influenciam a forma como as mulheres expressam sua dor. (Rocha, 2023)

A psicanálise, especialmente nas obras de Freud e Melanie Klein, concebe o luto como um processo de reelaboração psíquica, no qual o sujeito deve renunciar ao objeto perdido. Klein acrescenta que essa experiência pode reativar ansiedades primitivas, especialmente em indivíduos com estruturas emocionais mais fragilizadas. Essa dinâmica pode ser mais acentuada em mulheres que frequentemente carregam a responsabilidade emocional dentro da estrutura familiar. Assim, o luto não apenas envolve a dor pela perda, mas também a necessidade de enfrentar e lidar com essas ansiedades subjacentes, tornando o processo ainda mais complexo (Freud, 1917; Klein, 1940).

2.3.2. O Luto Masculino

O luto masculino, quando analisado sob a ótica da psicanálise, revela-se como um processo complexo que frequentemente é marcado por uma expressão emocional mais contida. Essa contenção reflete normas culturais de masculinidade que privilegiam a força e a racionalidade em detrimento da vulnerabilidade emocional.

Segundo Freud (1917), em seu clássico trabalho "Luto e Melancolia", o luto envolve a retirada gradual da libido investida no objeto perdido. No entanto, essa retirada pode ser ainda mais desafiadora para os homens, uma vez que as normas sociais tradicionais frequentemente associam a masculinidade à resistência emocional, inibindo a expressão aberta do luto.

A compreensão das particularidades do luto masculino é crucial, pois estudos indicam que os homens tendem a buscar menos apoio emocional durante períodos de luto, o que pode levar a consequências negativas para sua saúde mental e emocional (Connell, 1995). Além disso, a resistência à vulnerabilidade emocional, conforme discutido por Butler (1990), sugere que a construção social da

masculinidade pode resultar em um luto não expresso, reforçando a necessidade de explorar como essas normas culturais impactam a vivência do luto masculino.

Oliveira e Souza (2023) apontam que os homens tendem a absorver a dor do luto de maneira distinta, frequentemente evitando expressar seus sentimentos com receio de serem vistos como vulneráveis ou frágeis. Essa supressão emocional pode levar a expressões somáticas do luto, como problemas de saúde física, ou a atitudes arriscadas, como o uso excessivo de substâncias.

A análise de Santos e Carvalho (2022) revela que o modo como os homens enfrentam o luto está profundamente relacionado às expectativas sociais de gênero. Os autores observam que, em contraste com o estereótipo que associa a masculinidade à força emocional, muitos homens vivenciam um sofrimento intenso diante da perda. No entanto, eles tendem a adotar estratégias de enfrentamento que são mais privados ou indiretas, como se concentrar excessivamente no trabalho ou se isolar socialmente. Essa dinâmica sugere que a expressão do luto masculino pode ser menos visível, mas não menos dolorosa, refletindo a complexidade das normas de gênero que influenciam a forma como os homens lidam com suas emoções.

Autores como Birman (2020) ressaltam que a sociedade contemporânea, marcada por exigências constantes de produtividade e sucesso, perpetua a noção de que os homens devem "superar" o luto em um curto espaço de tempo. Essa pressão social, entretanto, pode resultar em um sofrimento prolongado, pois o indivíduo enlutado não encontra um ambiente propício para expressar e processar suas emoções de forma saudável. A falta de espaço para a externalização do luto pode levar a consequências emocionais adversas, dificultando a recuperação e a adaptação à perda.

Estudos recentes evidenciam a relevância da transmissão psíquica transgeracional, onde as vivências de luto e perda podem ser herdadas de uma geração para outra, influenciando as reações emocionais dos homens na atualidade (Pereira & Freitas, 2020). Essas considerações ressaltam a complexidade do luto masculino e a urgência de uma abordagem psicanalítica que reconheça e valorize as especificidades desse processo. A compreensão de como as experiências de luto são passadas de pais para filhos pode oferecer insights valiosos para o tratamento e a gestão do luto, permitindo uma melhor adaptação emocional e a construção de estratégias de enfrentamento mais saudáveis.

3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo consistiram em uma revisão narrativa da literatura, realizada com base em diversas fontes eletrônicas, incluindo as bases de dados SciELO, PePSIC, PUBMED e BVS, além de sites de organizações e instituições que publicam pesquisas relacionadas à psicologia e psicanálise no contexto dos cuidados em situações de luto.

Conforme destacado por Gil (2010), essa modalidade de revisão bibliográfica utiliza documentos provenientes de eventos científicos, livros, teses, monografias, revistas e artigos publicados. Neste estudo, optou-se por focar exclusivamente em trabalhos científicos disponíveis em periódicos de língua portuguesa e inglesa.

A revisão narrativa visa reunir e organizar conceitos teóricos relevantes sobre a temática em questão, sem seguir critérios sistemáticos rígidos. Essa abordagem permite a obtenção de resultados e discussões que ampliam a compreensão do tema, além de fornecer elementos significativos para esclarecer contextos e aspectos da psicanálise e psicologia no acompanhamento do luto (Cordeiro et al., 2007).

Os critérios de inclusão para a seleção do material foram estabelecidos da seguinte forma: foram considerados apenas estudos na forma de artigos científicos com resumos em português e inglês, abrangendo as áreas de Psicologia e Psicanálise, além de livros e manuais especializados. Excluíram-se artigos duplicados, materiais que não abordassem o tema em questão e publicações de outras áreas da saúde que não fossem diretamente relacionadas à Psicologia e Psicanálise.

A pesquisa utilizou descritores como Psicologia, Psicanálise, Luto, Gênero Masculino, Gênero Feminino, Cuidado e Acolhimento. Como resultado, foram coletadas um total de 55 referências, sendo 43 artigos, 11 livros e 1 monografia, com publicações datadas entre 2001 e 2024. A partir da análise da literatura, foram definidas as seguintes categorias de estudo: a) Conhecendo o Processo de Luto; b) Origem e História das Teorias do Luto; c) O Luto no Contexto atuais; d) Psicologia no Acompanhamento do Luto; e) Estágios Vivenciados pelo Enlutado; f) A Atuação do Psicólogo no Processo de Luto; e g) A Perspectiva Psicanalítica na Intervenção do Luto, com Ênfase nas Diferenças entre Gêneros Masculino e Feminino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida ao enfatizar o luto sob a perspectiva psicanalítica, apresentou as distinções de gênero tanto na vivência quanto expressão desse processo, evidenciando o papel das estruturas sociais e culturais, assim como suas influências na forma como homens e mulheres lidam com a perda, uma vez que em sua maioria, as mulheres tendem a expressar suas emoções de maneira mais aberta e expressiva, enquanto os homens, frequentemente, enfrentam a perda de forma mais introspectiva. Essas manifestações distintas do luto não apenas ilustram as experiências emocionais de cada gênero, como padrões que reprimem a vulnerabilidade emocional dos homens, salientando como os padrões sociais podem contribuir para a superação da vulnerabilidade emocional.

Assim, a partir da análise teórica dos principais autores da psicanálise, como Freud, Bowlby, Klein e Winnicott, foi possível compreender que o luto experienciado após uma perda, é um processo natural e necessário para o equilíbrio psicológico. Contudo, as normas culturais impostas aos diferentes gêneros podem interferir na forma como é vivenciado, criando desafios adicionais, especialmente para os homens, que, em muitas culturas, são desencorajados a expressar suas emoções de forma aberta.

Autoras como Judith Butler e Carla Cristina Garcia também forneceram insights valiosos sobre a compreensão crítica da performatividade de gênero, ilustrando as maneiras pelas quais as normas sociais influenciam as experiências emocionais dos indivíduos. Para as mulheres, a expectativa social de incorporar um papel de cuidadora, se entrelaça com seu luto, tornando complexo o processo de se envolver totalmente com suas emoções. Para os homens, ocorre a internalização de seu luto devido às pressões sociais que determinam que estes devam permanecer "fortes" e "racionais", acarretando em potenciais desafios emocionais de longo prazo.

Diante de tais aspectos é fundamental que os profissionais de saúde mental estejam cientes das sutilezas de gênero na vivência do luto, estabelecendo espaços de suporte que considerem as particularidades emocionais de homens e mulheres, favorecendo o desenvolvimento de intervenções psicoterapêuticas voltadas para as peculiaridades pertinentes as variações de gênero, contribuindo para um processo de luto que considere a preservação do equilíbrio psíquico e a resiliência.

Com a realização deste estudo, e dos aspectos salientados quanto ao processo de luto e suas especificidades, espera-se fomentar o desenvolvimento de novas pesquisas na área, a fim de complementar questões relativas a expressão do luto em se considerando a raça, classe social e sexualidade, através de pesquisas integrem a abordagem psicanalítica com a análise interseccional ofertando uma compreensão mais profunda das complexidades que envolvem o luto em populações marginalizadas, como homens negros, indígenas e LGBTQIA+, cujas vivências de perda são muitas vezes invisibilizadas ou não plenamente compreendidas.

5.REFERÊNCIAS

Ariès, P. **História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

_____, P. **O Homem Diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

_____. Attachment and loss: Vol. 3. Loss, sadness and depression. New York: Basic Books, 1980.

Allouch, J. **Erótica do luto no tempo da morte seca**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

Badinter, E. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Beauvoir, S. de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

Bion, Wilfred. "**Learning from Experience**." London: Heinemann, 1962.

Birman, Joel. **Formações do traumático: a subjetividade contemporânea e a transmissão psíquica transgeracional**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 23, n. 2, p. 377-389, 2020.

Bowlby, J. **Apego e perda: Vol. 3. Perda: Tristeza e depressão**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Brubaker, Jed R.; Hayes, Gillian R. **We will always be connected to each other: The roles of social media in supporting bereavement**. Death Studies, v. 46, n. 4, p. 338-346, 2022.

Butler, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1990.

Cavalcanti, A. K. S.; Samczuk, M. L.; Bonfim, T. E. O conceito psicanalítico do Cordeiro, A. M. *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do colégio brasileiro de cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.

Crenshaw, Kimberlé. "**Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color.**" *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241- 1299, 1991.

França, C. L.; Matta, K. W.; Alves, E. D. Psicologia e educação à distância: uma revisão bibliográfica. **Psicologia: Ciência & Profissão**, v. 32, n. 1p. 4-15, 2012.

Freud, S. **Luto e Melancolia** (1917). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1905.

Garcia, Carla Cristina. **A construção social do feminino e o luto: uma análise contemporânea**. São Paulo: Editora XYZ, 2022.

Gil, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Como classificar as pesquisas. 5 ed. São Paulo: 2010. p. 29.

Hollander, Judith. "**The Emotional Life of Women: A Psychoanalytic Perspective.**" New York: Basic Books, 2008.

Klein, M. **O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos** (1940). In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras completas de Melanie Klein. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Kristeva, J. Soles Negros: **Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Kübler-Ross, E. **On Death and Dying**. Nova York: Macmillan, 1969.

Kübler-Ross, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Lee, Sherman A.; Neimeyer, Robert A. **Pandemic grief scale**: A screening tool for dysfunctional grief due to a COVID-19 loss. *Death Studies*, v. 47, n. 6, p. 430-440, 2023.

Luto: **uma perspectiva a partir de Freud e Klein**. *Psicol inf.*, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, 2013. Disponível em: [88092013000200007&lng=pt&nrm=iso](https://doi.org/10.11606/issn1518-8787.2013000200007). Acessado em: 25 agosto. 2024.

O'Connor, M.; Arizmendi, B. **Cross-cultural differences in bereavement**: Implications for practice. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 54, n. 1, p. 14-31, 2023.

Oliveira, Rafael; Souza, Andréa. **Masculinidades e o Processo de Luto**: Uma Revisão Psicanalítica Contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2023.

Pereira, C. S.; Freitas, R. M. **A experiência do luto e as heranças emocionais**: Uma visão transgeracional do processo de luto masculino. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 12, n. 3, p. 210-225, 2020.

Prigerson, Holly G. et al. **Prolonged grief disorder**: A diagnostic category in the ICD-11. *World Psychiatry*, v. 20, n. 1, p. 94-101, 2021.

Rocha, Carla Cristina. **Luto feminino e interseccionalidade**: uma análise das vivências de perda. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2023.

Roudinesco, e. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Santos, João; CARVALHO, Laura. **O Luto Masculino**: *Normas de Gênero e Repressão Emocional*. Psicologia Contemporânea, 2022.

Winnicott, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983 (original 1965).

Winnicott, Donald. **Brincar e realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

6.ANEXOS



DISCENTE: Sidinei Rodrigues da Silva

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 17.10.2024

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **0,22%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet [△](#)

Suspeitas confirmadas: **0,22%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados [△](#)

Texto analisado: **95,05%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.9.4
quinta-feira, 17 de outubro de 2024

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho do discente SIDINEI RODRIGUES DA SILVA n. de matrícula **41324**, do curso de Psicologia, foi aprovado na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 0,22%. Devendo o aluno realizar as correções necessárias.

Assinado digitalmente por: ISABELLE DA SILVA SOUZA
Razão: Responsável pelo documento
Localização: UNIFAEMA - Ariqueme/RO
O tempo: 21-10-2024 17:41:18

ISABELLE DA SILVA SOUZA
Bibliotecária CRB 1148/11
Biblioteca Central Júlio Bordignon
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA